



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8932 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

RE-UNIÃO DE PROFESSORES: O COMPARTILHAMENTO NARRATIVO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COMO AÇÃO COLETIVA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Claudia de Jesus Tietsche Reis - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Gilka Elvira Ponzi Girardello - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

RE-UNIÃO DE PROFESSORES: O COMPARTILHAMENTO NARRATIVO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COMO AÇÃO COLETIVA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Resumo

As professoras têm, como direito garantido em sua jornada de trabalho, tempo para estudo, planejamento e avaliação (MEC, 2013), mas fica a questão: será que os espaços-tempo de reunião docente fomentam o desenvolvimento da autonomia profissional e formativa para a prática pedagógica? Entendendo que partilhar práticas pedagógicas pode vir a libertar o professor para dialogar como um intelectual criativo e ativo no processo de educar, a pesquisa em andamento investiga as narrções (BENJAMIN, 1985) dessas práticas docentes (FREIRE, 2014a) em rodas de conversas inseridas em reuniões institucionalizadas (MEC, 2012), considerando-as como formação continuada (NÓVOA, 2002). O trabalho enraiza-se em ações de quatro professoras gestoras que já promoveram compartilhamentos narrativos entre os pares e obtiveram importantes resultados para suas respectivas comunidades escolares. Em uma conclusão ainda parcial, esse processo depende necessariamente de um espaço-tempo de escuta ativa, para além da demanda burocrática, e de um interesse genuíno pelo fazer do outro, que molda o próprio fazer de cada um e conseqüentemente, modela uma escultura social. Isso significa estar em permanente abertura à fala, ao gesto e às diferenças, com liberdade para discordar, opor-se e posicionar-se; esse processo visa, portanto, a uma construção de comunidade a partir da convergência circular das diferenças.

Palavras-chave: Reunião; Partilha; Narração; Formação.

Introdução

A educação, em pleno século XXI, está inserida em uma nova realidade comunicacional, e o contexto escolar, como é característico de uma instituição sempre em movimento, vive em desafiadora adaptação. O compartilhamento de experiência entre os pares, por meio de um relato, de uma narração, em uma oficina ou grupo de trabalho,

necessita de tempo e espaço para acontecer. O objetivo da pesquisa aqui sintetizada é refletir sobre as estratégias de promoção do compartilhamento narrativo de práticas pedagógicas dentro das reuniões de professores, como um processo de formação continuada, visando a contribuir para ressignificar e qualificar os tempos e espaços dos encontros docentes. Partimos de uma afirmação positiva do compartilhamento narrativo e buscamos reconhecer as estratégias de vinculá-lo às reuniões docentes para fazermos formação.

Em tempos de docência sobrecarregada e desvalorizada (CODO, 1999; VIEIRA, 2004), re-unir o corpo docente em uma ação coletiva de formação continuada por meio do compartilhamento narrativo de práticas pedagógicas é uma esperança utópica ou uma realidade tangível? É sabido, e esta pesquisa procura evidenciar, que já existem instituições que incorporaram em sua rotina o compartilhamento de práticas pedagógicas entre o corpo docente; e, portanto, valorizaram as narrativas dos professores como possibilidades de formação continuada. Mas, por que os professores não se ouvem e/ou não se narram com maior frequência? É uma questão de tempo e/ou espaço? É uma questão de não saber, não querer ou não poder fazer? É falta de autonomia?

Metodologia e discussão dos dados da pesquisa

Este trabalho se baseia nos princípios da metodologia de pesquisa *Grounded Theory*, ou Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) (CHARMAZ, 2009), em que se busca gerar uma teoria tendo como ponto de partida uma “ancoragem robusta, profunda, vital na experiência vivida” (TAROZZI, p. 20, 2011). Portanto, concomitantemente à revisão bibliográfica, quatro professoras gestoras foram entrevistadas de forma semiestruturada e intensiva, tendo em comum a valorização do encontro e da escuta de seus respectivos quadros docentes. Duas delas trabalham em escolas privadas e as outras duas, na rede pública. Seus nomes fictícios foram relacionados com os pilares teóricos da pesquisa: *Reunião*, *Partilha*, *Formação* e *Narração*.

A convergência das diferenças: a narração como força motriz na construção de comunidade

Na perspectiva dialógica de Paulo Freire (2014a), que é uma das referências da pesquisa, as conversas pedagógicas entre professores favorecem o processo comunicativo do cotidiano escolar e, conseqüentemente, proporcionam sentido à aprendizagem, ao promover a sensação de possibilidade aos seus colegas e alunos. Outro pilar teórico são as contribuições de Antonio Nóvoa (2002) sobre formação continuada, uma vez que o autor considera que a atitude ética na profissão do professor não é individual, está vinculada a uma partilha efetiva e contínua com os colegas, como processo de formação facilitador de uma ação coletiva. E para ouvir/interpretar/compreender as narrações dos professores, que são os sujeitos desta pesquisa, e seus efeitos nos seus ouvintes/colegas, nossa principal referência é Walter Benjamin (1985).

Historicamente, a margem interpretativa deixada pela LDB de 1996 é ampla quanto ao tempo e ao espaço destinados para estudos, planejamento, avaliação e outras atividades extraclasse na jornada profissional do professor. A partir da lei 11738/2008, que determina que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios fixem o piso salarial das carreiras do magistério público da educação básica, e em seu artigo 2º, § 4º apresenta a composição da jornada de trabalho, com um limite máximo de 2/3 da carga horária para o desempenho das atividades de interação com alunos e 1/3 destinado às chamadas atividades extraclasse, considera-se de forma mais evidente a existência de um trabalho docente para além da interação com os alunos (MEC, 2013).

Em um estudo divulgado pelo Ministério da Educação, por meio do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Básica sobre essa Lei do Piso Salarial (MEC, 2012), destina-se este 1/3 da jornada de trabalho do professor a atividades extraclasse: estudo, planejamento e avaliação. E as reuniões pedagógicas ou HTPC podem abarcar estes temas (pag.09):

O Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), ou qualquer outra denominação que receba nos diferentes sistemas de ensino, se constitui em um espaço no qual toda a equipe de professores pode debater e organizar o processo educativo naquela unidade escolar, discutir e estudar temas relevantes para o seu trabalho e, muito importante, deve ser dedicado também à **formação continuada** dos professores no próprio local de trabalho.

Quanto às reuniões docentes, algo que se assemelhou nas falas das professoras *Reunião*, *Formação*, *Partilha* e *Narração* foi o interesse das professoras pelo compartilhamento narrativo das práticas pedagógicas. Quando se propunha encontros físicos ou virtuais com a temática de socialização de saberes pedagógicos, as professoras aceitavam com disposição, bem como sentiam falta quando essas partilhas não aconteciam no espaço predeterminado; relatavam que durante essas práticas havia uma sensação de pertencimento, reconhecimento, formação.

É infindável o processo de busca pelo equilíbrio entre razão para ser formação e emoção para ser re-união, em uma prática facilmente identificável já na trajetória biográfica de Freire (2006). A professora *Partilha* corroborou essa ideia ao nos exemplificar uma prática que ocorre em seu ambiente de trabalho, o ensino por projetos, em que todas as salas do ensino fundamental trabalham um tema anual escolhido pelos alunos e se capacitam tecnicamente para desenvolvê-lo, organizando-se círculos de escutas e falas, entre professoras, entre professoras e alunas e entre as alunas. Assim como a professora *Reunião* caracterizou o encontro docente como um processo em que se pode aprender a compartilhar práticas vivenciadas, uma partilha narrativa que preserva o caráter de “um espaço favorável à criação de comunidades de sentido” (GIRARDELLO, 2015, p. 130).

Freire (2014b) afirma que não há nada, contudo, de mais concreto e real do que os homens no mundo e com o mundo. Os conteúdos curriculares obrigatórios devem ser interessantes para as alunas, elaborados em conjunto, fruto de diálogos e discussões dentro do colegiado. Isso corresponde a considerar não só a formação acadêmica, que é fundamental, mas também as vivências, aprendendo por partilhas constantes entre professoras, e entre professoras e alunas; só então a conceituação será um processo ativo.

Evidenciou-se as partilhas biográficas como sendo também pedagógicas no âmbito de uma formação continuada, pois elas constituem o processo relacional diário e permanente entre os sujeitos. Percebe-se aí uma ideia de docência como coletivo, balizada no diálogo e na reflexão, para destrinchar e direcionar os dilemas e desafios dos contextos escolares marcados pela diferença cultural e conflito de valores (NÓVOA, 2011). A professora *Formação* nos exemplificou na prática essa dimensão coletiva da docência ao trimembrar o compartilhamento de práticas pedagógicas em: **Estudo**, para que a formação seja continuada; **Presença**, para conseguir contextualizar as necessidades do meio; e **Afeto**, no sentido de não ser indiferente ao respectivo entorno, atuando nele. Quando as práticas pedagógicas vivenciadas são compartilhadas coletivamente “tornam-se objetos pertencentes ao grupo, criaturas comuns, sementes de comunidade” (GIRARDELLO, 2015, p. 137).

Quanto à narração docente a partir de inspirações de Walter Benjamin (1985), evidenciamos o professor como um potente narrador, e na perspectiva deste autor o narrador se equipara a um artesão. Portanto a proposta da pesquisa é trazer a prática pedagógica como

uma matéria-prima a ser trabalhada entre falas e escutas de compartilhamentos narrativos, moldando-a em um processo de formação continuada para a *construção de comunidade*, uma vez que “as rodas de histórias podem ser espaços radicalmente democráticos” (GIRARDELLO, 2015, p. 136).

Nesse sentido a professora *Narração* complementa a partir de suas vivências no cotidiano escolar, que o re-unir docente, quando a pedagogia é pautada pela Descoberta, e em que o diálogo com a comunidade é franco e intenso, desperta um interesse autônomo nas professoras, por reconhecerem que a construção de saberes é coletiva, independente de suas formações individuais, do espaço ou do tempo em que se encontrem. Uma vez garantidas as falas e escutas do compartilhamento narrativo das práticas pedagógicas, espaço e tempo estão libertos e o processo de formação é contínuo.

Considerações finais

A função de ensinar, antes de se profissionalizar, era uma habilidade naturalmente comunitária: “Na comunidade primitiva a educação era confiada a toda a comunidade, em função da vida e para a vida: para aprender a usar o arco, a criança caçava; para aprender a nadar, nadava. A escola era a aldeia” (GADOTTI, 1998, p. 22). A origem da profissão do professor acompanha a história do desenvolvimento do pensamento, seja pela imitação ou pelo relato oral o ser humano conseguiu produzir e difundir as mais variadas maneiras de se relacionar com o mundo que o cerca. E é esta essência docente comunitária que nos move, ainda como uma hipótese, à possibilidade de propor uma re-união de professoras ancorada na potência narrativa das práticas pedagógicas vivenciadas por esses profissionais essencialmente narradores.

Em tempos de asfixia da própria liberdade, por meio de padronizações de fórmulas, domesticação alienante, burocratização da mente, conformismo e acomodação que nos faz individualmente passivos (FREIRE, 2014a), educar como prática da liberdade é desenvolvermos cultura com o outro, é sermos rebeldes contemporâneos por meio de uma escuta ativa, que significa estar em permanente abertura à fala, à experiência vivida, ao gesto e às singularidades do outro, com liberdade para discordar, opor-se e posicionar-se; é, portanto, uma possibilidade real de compartilhamentos e construção coletiva.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHARMAZ, Katy. *Construção da teoria fundamentada: guia prático para análise quantitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CODO, Wanderley (coordenador). *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

FREIRE, Ana Maria Araujo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 48ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 56ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014b.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*, 2.^a edição. São Paulo: Cortez, 1998.

GIRARDELLO, Gilka. *Rodas de histórias nas cidades: uma poética compartilhada*. Artigo publicado no livro “Contar Histórias: uns passarão e outros passarinhos”, organizado por. MEDEIROS, Fábio H.N; VEIGA, Maurício B.; MORAES, Taís R. Joinville, SC: Editora Univille, 2015. Pgs. 130 a 137.

LDB. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso: janeiro de 2019.

MEC, Ministério da Educação. *Estudo sobre a Lei do Piso Salarial*. 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10241-estudo-sobre-lei-piso-salarial&Itemid=30192#:~:text=O%20que%20a%20lei%20afirmou,sendo%20que%20essa%20 Acessado em: dezembro de 2020.

MEC, Ministério da Educação. *Piso Salarial Profissional Nacional Lei nº 11.738 de 16.07.2008*. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/piso-salarial-de-professores> Acessado em: novembro de 2020.

NÓVOA, António. *O regresso dos professores*. 2011. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/68387246/O-regresso-dos-professores>. Acesso em: novembro de 2020.

_____. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa, 2002.

TAROZZI, Massimiliano. *O que é grounded theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados*. Tradução: Carmen Lussi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

VIEIRA, Juçara Dutra. *Identidade expropriada: retrato do educador brasileiro*. 2 ed. Brasília: CNTE, 2004.